

Apoio: **Direção Regional da Cultura** Entidade Promotora: **Cresaçor** Entidades Parceiras: **Instituto Cultural de Ponta Delgada | Instituto Histórico da Ilha Terceira | Núcleo Cultural da Horta** Conselho Editorial: **Pedro Pascoal de Melo** Conselho de Redação: **Pedro Pascoal de Melo, Célia Pereira, Marta Bretão e Guilherme Pinto de Sousa**

## As danças da ilha Terceira e o Teatro quinhentista nas naus da Índia

Estruturalmente, uma *dança* da Ilha Terceira é uma representação teatral, versificada em redondilha maior rimada (quadras, quintilhas, sextilhas, conforme a opção do autor), que é introduzida, intermediada e encerrada por um corpo de dança (*dançarinos*), que também actua como coro cantado, acompanhado por músicos (*tocadores*) de cordas e sopros. O conjunto é comandado por um *mestre* ou *puçador*, vestido de forma diferenciada, que dança e se dirige ao público cantando a solo para saudar o auditório e fazer a apresentação do *assunto* (primeira *moda*), resumir as partes do enredo não representadas dramaticamente (segunda *moda*), e, no final da actuação, fazer a conclusão do assunto, explicitando as respectivas lições morais, e apresentar as despedidas à assistência (terceira *moda*).

À semelhança do que acontecia com o teatro que se representava a bordo das naus – e convém ter presente o papel que a Ilha Terceira desempenhou durante os séculos das grandes viagens de navegação e descobertas –, as *danças* caracterizam-se, em matéria de encenação, pela total ausência de cenários e pela economia do espaço: pensadas e realizadas para actuação em locais abertos, as danças sugerem o espaço e o tempo da acção pela palavra e pelas informações, de carácter didáctico, fornecidas previamente pelo *mestre* ou, durante a representação, pelas próprias personagens. O estatuto e identidade das personagens são representados por características de vestuário, ou por adereços icónicos que integram o código de comunicação entre actores e público. A omnipresença do *mestre*, que mesmo quando não actua segue atentamente o de-



senrolar da acção, bem como a disposição dos dançarinos em cena (em duas alas), poderão ser entendidas como uma reminiscência das representações teatrais a bordo das naus. No dizer de Mário Martins, no seu opúsculo *Teatro Quinhentista nas Naus da Índia* (1973), «parece-nos moralmente certa a presença quase ostensiva do ensaiador (ou director de cena) no teatro das naus. Ensaiador e explicador. Doutra maneira, sairia tudo mal, dada a pobreza da encenação e a pouca destreza dos actores amadores»: ora, não sendo o *mestre* da dança, em princípio, o ensaiador da representação e da coreografia, ele desempenha, em cena, exactamente estas funções apontadas por Mário Martins referindo-se ao teatro nas naus – ele é ostensivo, fornece ao público as explicações didácticas necessárias para a localização da acção no tempo e no espaço, e introduz no seu discurso os complementos informativos necessários para

que os diálogos das personagens sejam cabalmente entendidos pela assistência. Em outro local do seu trabalho, Mário Martins refere, ao descrever e interpretar uma gravura de Jean Fouquet (meados do século XV) reproduzindo a representação de um «mistério» sobre a vida e martírio de Santa Apolónia (que poderia ser o tema de uma «dança de espada» tradicional), a presença do ensaiador «com o livro na mão esquerda, para se guiar por ela, uma batuta na direita, desta vez a fazer sinais para a música», o que nos sugere, por um lado, a figura do *maestro* dirigindo uma orquestra, e, por outro, o nosso *mestre* com a sua batuta, que tanto pode ser a espada (nas «danças de espada»), a pan-deira ou a varinha ou pau de fitas (nas «danças de dia» e nos «bailinhos»). A história deste fenómeno único ainda não foi devidamente investigada e interpretada, tornando-se urgente que o seja na perspectiva an-



polo cultural e, no mínimo, numa história do teatro popular português. No entanto, se relacionarmos os temas, os textos metrificadas e rimados, as coreografias, os adereços, e a encenação com o papel que a Ilha Terceira desempenhou na época das grandes viagens marítimas, seremos levados a concluir que poderá existir uma relação não muito distante entre estas *danças* e o teatro que se representava a bordo das naus da Índia, bem como com outros fenómenos semelhantes ainda hoje bem vivos em ambas as margens do Atlântico (como a *marujada*, o *moçambique*, as *congadas*, o *caiapóe* o *bumba-meu-boi*, do Nordeste brasileiro) e que não deverão ser vistos isoladamente das rotas marítimas que, durante séculos, enformaram a actividade económica entre o velho e o novo mundos.

**LUIZ FAGUNDES DUARTE**  
Instituto Histórico da Ilha Terceira

### INFORMAÇÃO ÚTIL

As danças acontecem no período de Carnaval, entre o Sábado Gordo e a terça-feira de Entrudo. Os vários «bailinhos» formados na altura percorrem as diferentes sociedades recreativas existentes na ilha Terceira e ainda o Teatro Angrense, atuando alternadamente nas respectivas salas de espectáculo que oferecem lugares sentados ao público assistente. Geralmente as representações iniciam-se ao fim da tarde e prolongam-se pela noite adentro.

O acesso é livre.